

Júri escolhe sete em jóias para Bienal

São Paulo (Sucursal) — O júri da Bienal de São Paulo, setor de jóias — composto por Walmir Ayala, Harry Laus e José Geraldo Vieira — escolheu apenas sete dentre os 24 trabalhos (só de paulistas) que constituirão a sala daquele setor.

Os nomes escolhidos são os de Reny Gotsman, Geraldo Mayer Jurgensen, Lívio Levi, Jaime Yesquenurita, Renato Wagner, René Sassen e Luciano Morosi.

FORMAÇÃO CARIOCA

Integrado por pessoas que tiveram toda uma formação carioca, embora nenhuma delas haja nascido no Rio de Janeiro, o júri, após escolher os participantes do setor de jóias, pediu aos descontentes que "não formulassem suspeitas quanto à sua idoneidade."

Obra de mais de 20 países já chegaram ao pavilhão da Bienal e, hoje, um grupo de cineastas e da televisão italiana estará filmando o local da mostra que, na opinião do Times de Nova Iorque, é "a mais importante em artes plásticas do mundo."

SUGESTÕES PARA UM TEMÁRIO

Transcrevemos aqui algumas sugestões de Edila Mangabeira Unger para o Seminário de Crítica Internacional que terá lugar na X Bienal de São Paulo: a) abolir, sempre que possível, a organização das várias representações através de canais oficiais, a fim de evitar a abstenção de artistas cuja posição ideológica não coincida com a dos governos dos países representados; b) abolir, totalmente, as divisões geográficas, uma vez que a arte desconhece fronteiras, organizando

a mostra não por países mas por tendências; evitar-se-ia assim que o público deixasse de visitar as salas das nações cuja produção artística oferece interesse menor, mas das quais participam muitas vezes artistas de alto gabarito; c) abolir premiações; substituí-las por bônus de viagem oferecidas por fundações culturais de vários países, que enviariam, para sua seleção, críticos por elas indicados; d) estabelecer condições que permitam o contato direto do artista com o público, podendo este explicar pessoalmente os vários aspectos de sua obra, em horários especificados, ou através de gravações e depoimentos, ou mesmo executá-las diante do público, quando possível ou indicado pelo caráter dos trabalhos apresentados; e) estimular as indústrias, fábricas e empresas a fornecerem transporte gratuito a seus técnicos, funcionários e operários, para visitas à Bienal com guias especializados, capazes de explicar, numa linguagem acessível ao nível cultural dos visitantes, as obras expostas, a fim de que o interesse pela arte não permaneça restrito a uma elite social e cultural; f) realizar, no âmbito da Bienal, mostras correlatas de tecnologia, ciência e humanismo, tendo em vista o encontroamento cada vez maior destes vários setores de atividade.

Solicitamos aos artistas e críticos que tiverem propostas neste sentido que nos enviem suas ideias, para a devida consideração e formulação final do temário a ser proposto pelo Brasil neste Seminário.

27-7-1969
JORNAL DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

Faça o que eu digo...

- Conversando há dias com o Sr. Jaime Mauricio sobre o problema da Bienal de São Paulo, chamou-me o crítico a atenção para o que dispõe o regulamento da Bienal de Paris, justamente por serem os artistas franceses os mais empenhados e interessados em sabotar a grande mostra paulista.
- Pois os franceses, que tanto têm combatido e criticado a nossa Bienal, são os únicos que não podem fazê-la. O liberalismo pelo qual lutam com tanto ardor falta-lhes em sua própria casa. A Bienal de Paris é a única Bienal do mundo que impõe a seus concorrentes normas de caráter restritivo, cerceando a liberdade de criação dos artistas. Chega a ser quase engraçado.
- Reza o Artigo III do regulamento que rege a realização da Bienal de Paris que "o conselho de administração se reserva, entretanto, a faculdade de excluir da Bienal as obras que forem consideradas como ofensivas à moral, às instituições, aos sentimentos religiosos ou nacionais dos diferentes países."
- Um artigo como esse não se encontra em bienal alguma, nem em Veneza, em Tóquio e muito menos em São Paulo.